

11/10/2016 - 05:00

Reminiscências de um socialismo infantil...

Por **Antonio Delfim Netto**

Há 74 anos, com 14, fui trabalhar, como "office-boy", na Companhia Gessy Industrial. Criada por um inteligente imigrante italiano, fabricava, em 1942, produtos de higiene pessoal que competiam bem com os das concorrentes estrangeiras aqui instaladas.

Os tempos eram lentos. A única comunicação direta com os clientes era através da correspondência escrita, sujeita às vicissitudes do velho correio nacional. A qualidade e a precisão da comunicação da empresa com seus compradores eram, assim, absolutamente decisivas para o seu sucesso.

Na Gessy, tive a sorte de trabalhar com o correspondente-chefe que garantia aquela interlocução, o sr. Ayrton Alves Aguiar, um verdadeiro "triple A"! Cultura aberta (médico sem exercer a profissão), generoso, crente da objetividade da ciência, era um libertário que beirava ao anarquismo. Cultivava o socialismo "enrustido" da Coleção Espírito Moderno. Dirigida por Anísio Teixeira e Monteiro Lobato, publicava obras de socialistas "fabianos", como H.G.Wells, que ele me convenceu a ler.

Talvez seja tempo de deixar de lado a busca da sociedade 'perfeita'

Cheguei assim, aos 17 anos, um convicto "socialista fabiano", com a certeza de que era possível construir uma sociedade melhor, onde houvesse liberdade individual e relativa igualdade, desde que fosse gerida por uma burocracia esclarecida e generosa num regime de propriedade coletiva dos meios de produção.

Não me lembro de qualquer menção, naquela literatura, de como na tal sociedade se coordenariam os desejos de milhões de consumidores livres, com a ação de milhões de agentes estatais que deveriam produzir os bens que os satisfariam. Em 1948, no primeiro ano do curso de economia da FEA-USP, provocado por meu exibicionismo, o ilustre professor Paul Hugon, pacientemente, abalou as minhas crenças. Explicou os problemas daquela coordenação, estudados por economistas entre 1920 e 1930, e chamou a minha atenção para Marx (que os fabianos detestavam por sua "metafísica"), que se esquivava do problema com uma platitude: "De cada um de acordo com suas habilidades e para cada um de acordo com as suas necessidades"...

É difícil entender a deliberada ignorância desse problema quando se sabe que a construção de uma sociedade "perfeita", onde os homens viveriam livremente uma idílica harmonia, sempre foi o objetivo dos grandes sonhos utópicos, desde Platão, na forma dos mais variados "comunismos".

É estranho que não se tenha prestado atenção às razões do fracasso de centenas de experiências pioneiras na construção de sociedades inspiradas nos pensamentos socialistas de Robert Owen e Charles Fourier, por exemplo. Elas tentaram realizar, em miniatura, a autogestão com liberdade, igualdade e eficiência na sua sustentação material. Foram centenas, criadas ao redor do mundo. Só no Brasil tivemos pelo menos quatro: três em Santa Catarina e uma no Paraná, a famosa Colônia Cecília, fundada pelo italiano Giovanni Rossi.

É perigoso generalizar, mas todas começaram com fervor (quase religioso) de abdicação, altruísmo e esperança. E todas terminaram muito mal, quer por pressões externas, quer porque a prática mostrou que a coordenação das atividades autogeridas encontra dificuldades, cuja solução exige alguma hierarquização e isso desperta forças desagregadoras. Nunca foram comunidades importantes.

A macroexperiência foi apoiada no pensamento de Marx. Começou como a esperança de libertação da humanidade, sob a

Reminiscências de um socialismo infantil e admiração quase unânime da inteligência internacional: a construção de Lenin na Rússia. Terminou, também, de forma trágica. Mesmo com o poder absoluto durante 70 anos, não foi capaz de resolver o velho problema da coordenação. <http://www.valor.com.br/imprensa/noticia-impresso/4740857>

Talvez já seja tempo de deixar de lado a busca do grande sonho da sociedade "perfeita" e reconhecer a possibilidade de construção de uma sociedade "civilizada" mais modesta, que atenda a pelos menos três condições:

1) dar a todos a plena liberdade para realizarem as suas potencialidades; 2) igualizar as oportunidades de cada um, reduzindo o acidente do local de nascimento e mitigando as transferências de poder intergeracional que a acumulação da riqueza confere; e 3) resolver o problema da coordenação através de um Estado forte, constitucionalmente controlado, capaz de regular o bom funcionamento dos mercados, o que - com sólidas instituições - permite uma "acomodação" da liberdade com a igualdade e a eficiência produtiva, valores não inteiramente compatíveis.

Os "mercados" estão longe de serem perfeitos. São uma construção do homem - um instrumento - que resolve de forma satisfatória o problema da coordenação, aumenta a produtividade do trabalho e reduz o tempo que ele precisa para atender a sua subsistência material, o que lhe dará cada vez mais tempo livre para realizar a sua humanidade.

Isso revela três fatos: 1) que a disciplina economia nunca poderá ser independente dos valores da sociedade que se quer construir; 2) que é melhor pôr de lado a "utopia" (sem esquecê-la) e aceitar, pragmaticamente, que não sabemos como construir uma sociedade "civilizada" sem o uso de mercados bem regulados; 3) que, como sempre souberam os economistas clássicos (e Marx), produzir é um problema técnico. Distribuir é um problema político, que cobra o seu preço no desenvolvimento de longo prazo...

Antonio Delfim Netto é professor emérito da FEA-USP, ex-ministro da Fazenda, Agricultura e Planejamento. Escreve às terças-feiras

E-mail: ideias.consult@uol.com.br